

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E ALIMENTAR DE MULHERES MÃES DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS

Andressa Ramos da Silva Fernandes¹, Michelle Teixeira Teixeira¹

1. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

A desenfreada disponibilidade de ultraprocessados cresce conforme as demandas do capitalismo e a redução da prática de cozinhar afetando o DHAA. É preciso dar visibilidade à sobrecarga materna e à divisão das tarefas domésticas, para não prejudicar o crescimento profissional da mulher, sem que as famílias sejam dependentes de ultraprocessados. O objetivo deste estudo foi avaliar o perfil socioeconômico, o consumo e hábitos alimentares, conforme a classificação NOVA do Guia Alimentar para a População Brasileira e marcadores de consumo alimentar da SISVAN, de mães universitárias.

MÉTODO

Estudo descritivo. Feito por coleta de dados através de questionário estruturado pelo Google Forms, com questões múltipla-escolha, acerca de dados sociodemográficos, maternidade, rede de apoio, vida universitária, frequência e hábitos alimentares.

RESULTADO

Foram 62 respostas válidas, mulheres com média de 33 anos de todo Brasil, exceto o Norte; 58% casadas; 51,6% brancas; a maioria morava de aluguel ou em casas cedidas. Renda familiar

mensal, 14,5% até um salário mínimo, e 39,7% possuía de 1 a 3 salários mínimos; os chefes de famílias eram 37,7% seus cônjuges, 37,7% elas mesmas; 38,7% trabalhavam mas eram dependentes, só 20,9% eram independentes. Sobre cursos, 29% eram de Ciências Humanas, somente 3,2% Engenharia. 65% possuíam rede de apoio e 55% integravam coletivos maternos de IES, apesar de bom consumo alimentar apresentaram elevado consumo de bebidas alcoólicas; 47,5% pediam fast-foods por conta do cansaço, o maior impeditivo para hábitos saudáveis eram suas Rotinas e Valor dos alimentos, 71 % das remuneradas: conciliam trabalhos com atividades acadêmicas remuneradas, 29% não-remuneradas: são Do Lar ou fazem atividades acadêmicas não-remuneradas. Apesar de serem maioria nas academias, chegam mais tarde no ES, “recebendo cerca de $\frac{3}{4}$ do que os homens recebem” segundo IBGE, 2018. Trabalham mais em período parcial (principalmente as pretas e pardas), até 30 horas, pois conciliam trabalho com afazeres domésticos e cuidados de outrens, justificando o salário menor e a desigualdade salarial (IBGE, 2018).

CONCLUSÃO

Conclui-se para dar visibilidade à saúde da mulher que precisa conciliar maternidade com a vida acadêmica, o cumprimento da constituição para garantir profissionalização, educação, alimentação e dignidade às brasileiras.

Palavras-chave: Maternidade; Cultura Alimentar; Comportamento Alimentar.